

A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA VIDA BOA EM HANNAH ARENDT

SIMONE MARQUES¹
ROBINSON DOS SANTOS²

¹ Universidade Federal de Pelotas -slima_8@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - dossantosrobinson@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo analisar a obra “A Condição Humana”, de Hannah Arendt (1906), e suas principais ideias sobre a existência humana. A autora expõe uma análise panorâmica da vida em sociedade, abordando desde a Grécia Antiga até a Europa Moderna, com ênfase na *Vita Activa*, que se refere às atividades humanas essenciais.

Arendt argumenta que a vida humana é dividida em três atividades fundamentais: trabalho, obra e ação. Cada uma dessas atividades corresponde a uma condição básica da existência humana. O trabalho é visto como atividade ligada ao processo biológico e às necessidades vitais. Na visão da autora, esta condição humana do trabalho é a própria vida.

Por outro lado, a obra é considerada uma expressão da não-naturalidade da existência, refletindo um aspecto mais artificial da vida, que vai além do ciclo vital comum à espécie. A condição humana da obra é, assim, denominada de mundanidade, destacando-se a natureza.

A ação é a única atividade que ocorre diretamente entre os indivíduos, sem mediação material. Relaciona-se à pluralidade humana, evidenciando que vivemos em um mundo compartilhado. Arendt ressalta a importância da ação na vida política e social, destacando que viver e agir são expressões essenciais da condição humana.

Dessa maneira, a obra também explora a relação intrínseca entre o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. A autora salienta que o trabalho garante a sobrevivência tanto do indivíduo quanto da espécie, e que a ação tem um papel crucial na criação de memórias e na construção de história.

Em suma, Arendt propõe que as três atividades – trabalho, obra e ação – estão interligadas e são fundamentais para a preservação do mundo e para a constante renovação da vida. A capacidade humana de iniciar algo novo e de tomar decisões é vista como essencial na construção de valores sociais e políticos, refletindo a liberdade inerente ao ser humano. Nesse aspecto, a obra de Arendt nos convida a refletir sobre nossa condição humana não apenas sob a luz da biologia, mas através de uma perspectiva mais ampla que inclui a criação de significados e valores na sociedade.

A condição humana engloba mais do que as condições diante das quais a vida foi concedida ao homem. Com isso, os homens são seres condicionados porque as coisas com as quais eles têm contato tornam-se uma condição de sua existência, como por exemplo, a transcorrência da *vita activa* na qual consiste em coisas ou objetos produzidos pelo campo humano. Entretanto, aquilo que deve a sua própria existência também condiciona os homens, sendo os seus produtores humanos.

Além das condições do universo e da vida do homem, a partir delas eles

constantemente criam suas próprias condições que, sob o ponto de vista da origem humana e de sua pluralidade, têm o mesmo poder de condicionar as coisas que são consideradas naturais. Nesse sentido, qualquer fato ou artefato da vida humana que mantenha uma relação duradoura ou uma interação social assume o caráter de condição humana. Por esse motivo, os homens serão sempre seres condicionados independente de suas ações, escolhas ou comportamentos.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, tomando como referência principal para a reflexão os textos de Arendt sobre o tema da ação, vida política e da vida ativa. Além das leituras, que possibilitaram a análise conceitual e a crítica do trabalho neste cerne, também subsidiaram a reflexão, especialmente no aspecto motivacional, a experiência com educação em diferentes segmentos por parte da autora: no âmbito familiar e no campo profissional, seja como docente e como discente do programa de pós-graduação em Filosofia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A preocupação nesta parte do resumo deve ser a de expor o que já foi feito até o momento, quais os resultados encontrados e o estado em que se encontra o trabalho. Esta parte serve também para que o autor evidencie o desenvolvimento do trabalho, ou seja, a análise do trabalho de campo e do objeto de estudo propriamente dito.

Nessa lógica, todas as coisas que entram e adentram o mundo humano, ou seja, para ele, é ocasionado pelo esforço, então torna-se parte da condição e da essência humana. É notório o impacto da realidade e do mundo sobre a existência dos indivíduos, isto é, ele é concebido como força que condiciona outras ações igualmente importantes ao longo desse processo. O seu caráter objetivo e direto complementa o lado humano, pois se trata de uma relação condicionada, uma vez que ambas não existiriam sozinhas ou desconectadas uma da outra.

Para elucidar os conceitos, a condição humana se difere da natureza humana e o conjunto das atividades e capacidades humanas que correspondem à primeira não são coisas equivalentes, pois tratam-se de características que são conferidas ao próprio ser humano e às coisas que existem ao seu redor. Nesse sentido, o trabalho, a obra e a ação fazem parte do mundo e os homens, enquanto seres condicionados quanto à sua natureza, embora seu contexto se deva, em grande parte, à produção deles mesmos.

Por outro lado, se há uma natureza humana, a *questio mihi factus sum* (“a questão que me tornei para mim mesmo”) de Agostinho traz um sentido psicológico individual insolúvel, pois é improvável que os indivíduos possam conhecer, determinar e definir as essências e naturezas de todas as coisas que os rodeiam ou que não são, isto é, seriam incapazes de fazer o mesmo a respeito de si mesmos. Se há essa presença, então certamente apenas um Deus poderia conhecê-la para realizar uma definição de quem são eles? É uma pergunta perplexa com um vasto campo cognitivo humano a ser explorado, já que o homem é considerado um exemplar da espécie da vida orgânica até então desenvolvida. É por isso que, as tentativas de poder conceituar a natureza humana resultam quase

sempre na construção de uma deidade, isto é, no deus dos filósofos que, desde a época de Platão, mostra-se como uma ideia platônica acerca do homem.

Por outro lado, as condições que correspondem à existência humana, como a vida, a natalidade, a mortalidade, a mundanidade, a pluralidade, a terra não consegue explicar o que os homens são ou responder à simples pergunta de quem eles são, já que jamais os condiciona de maneira absoluta. Por esse motivo, a ciência moderna sempre se propõe a levar em consideração a natureza terrena a partir de uma perspectiva universal, isto é, de um ponto de vista escolhido, fora da Terra.

4. CONCLUSÕES

Por essa razão, “a vida boa” considerada pela autora preconiza a era a do cidadão, não apenas melhor, mas livre de cuidados e mais nobre do que a ordinária. Entretanto, também apresentava qualidade inteiramente diferente, porque apesar das necessidades do viver, ao se libertar do trabalho e da obra e ido além do anseio inato de sobrevivência comum a todos os indivíduos, não se limitaria apenas ao processo biológico da espécie.

No mundo moderno, os domínios políticos e sociais têm uma relação direta entre si, pois a política exerce apenas uma determinada função na sociedade, por meio da qual a ação, o discurso e o pensamento se estruturam de acordo com o interesse social. Nesse sentido, segundo a autora, a igualdade não está necessariamente ligada à justiça, mas ao próprio senso de liberdade, isto é, ser livre significa se isentar ao longo desse processo desigual presente no ato de governar e poder estar em uma esfera na qual não existiam governar, muito menos ser governado.

Portanto, os homens não nascem apenas para viver ou morrer, mas para iniciar algo novo que ressignifique suas vidas. O ato de nascer é um milagre, mas a glória é alcançada por meio de nossas ações e pensamentos para além do discurso e das palavras. Dessa forma, é possível construir valores morais, sociais e políticos. Com essa capacidade inata que pertence ao ser humano de ser livre e escolher para tomar decisões, os posicionamentos tornam-se imprevisíveis. Assim, a vida é compreendida como uma improbabilidade que, ainda assim, ocorre de maneira regular.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.